

A ORIGEM DO CULTO AOS SANTOS: UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO

THE ORIGIN OF THE CULT TO THE SAINTS: A HISTORIOGRAPHIC LOOK

EL ORIGEN DEL CULTO A LOS SANTOS: UNA MIRADA HISTORIOGRÁFICA

Felipe Camargo Reginaldo

Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Superior em Licenciatura Plena em História. 2/2018.

Mariana Bonat Trevisan

Professora Co-orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Maria do Carmo Amaral

Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou compreender as condições de origem do culto aos santos dentro do cristianismo tardo antigo. Para isso, foi utilizado um recorte historiográfico com autores da área de História da Igreja e História Medieval. O recorte parte do contexto de origem do cristianismo até o culto aos santos. Ficou estabelecido que o surgimento do culto aos santos contou com aspectos diversos e convergentes. A redefinição da condição de existência no pós-morte, ligada à crescente divinização de Jesus Cristo nos embates teológicos, —o que restabelece a necessidade de novos mediadores—, bem como a religiosidade cotidiana e popular, propuseram o quadro necessário para seu surgimento. Mas sua permanência é explicada apenas por sua relevância para seus adeptos. A constante tentativa de conectar o humano com o divino, ou de superar tal distanciamento, tem forjado santos, próprios a seus contextos. Buscada uma definição – o culto aos santos – é uma alternativa cristã a fim de superar o distanciamento com o divino mediante a intercessão de cristãos do pós-morte.

Palavras-chave: Origem do culto aos santos. Intercessão dos santos. Intercessão aos vivos no pós-morte.

ABSTRACT

This research aimed to understand the conditions of origin of the cult to the saints within ancient Christianity. For this, a historiographic cut was used, with authors of the area of History of the Church and Medieval History. The analyses start from the context of the origins of Christianity until the mutation of the cult to the saints. It was established that the emergence of the cult to the saints had diverse and convergent aspects. The redefinition of the conditions of existence in the after-life, linked to the increasing divinization of Jesus Christ in the theological struggles, reestablishing the need for new mediators, as well as daily and popular religiosity, proposed the necessary framework for its emergence. But its permanence is explained only by its relevance to its adherents. The constant attempt to connect the human with the divine, or to overcome such separation, has forged saints, proper to their contexts. A seek after definition – the cult to the saints – is a Christian way of overcoming the distance to the divine through the intercession of postmortem Christians.

Keywords: Origin of the cult to the saints. Intercession of the saints. Intercession in the postmortem.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender las condiciones de origen del culto a los santos dentro del cristianismo tardío antiguo. Para ello, se utilizó un recorte historiográfico con autores del área de la Historia de la Iglesia y de la Historia Medieval. Ese recorte parte del contexto de origen del cristianismo hasta el culto a los santos. Quedó establecido que el surgimiento del culto a los santos contó con aspectos diversos y

convergentes. La redefinición de la condición de la existencia post-mortem, vinculada a la creciente divinización de Jesucristo en las contiendas teológicas, — lo que restablece la necesidad de nuevos mediadores—, así como la religiosidad cotidiana y popular, crearon el marco necesario para su surgimiento. Pero su permanencia se explica solo por la relevancia que tiene para los creyentes. El intento constante de conectar lo humano con lo divino, o de superar esa distancia, ha forjado santos, específicos para cada contexto. Pretendiendo definir el culto a los santos, se puede decir que es una alternativa cristiana para superar la distancia respecto a lo divino, mediante la intercesión de cristianos en la post-mortem.

Palabras-clave: Origen del culto a los santos. Intercesión de los santos. Intercesión por los vivos en la post-mortem.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da necessidade de compreensão da origem da milenar prática de culto aos santos, e se objetivou compreender como historiadores e autores da área teológica têm compreendido o processo de formação do culto aos santos na Antiguidade Tardia, bem como o sentido e relevância desta prática pelos fiéis ao longo do tempo.

A origem e permanência do culto aos santos cristãos foi analisada sob uma perspectiva historiográfica. A relevância está no fato de que este culto é praticado por milhões de brasileiros, mais precisamente, por católicos, ortodoxos gregos e ortodoxos orientais brasileiros, bem como, ao redor de todo o mundo, num contexto religioso plural e amplo. Muitas destas tradições compartilham muitos dos seus santos, além de uma religiosidade em torno de santos específicos de suas respectivas tradições. Porém, estes não são os únicos cristãos, nem o cristianismo é a única religiosidade ou estilo de vida a nível nacional ou mundial. Assim, amplos setores da sociedade brasileira têm promovido a tolerância e a diversidade em diferentes âmbitos, tal como nas questões religiosas. Esta pesquisa buscou responder como o culto de invocação aos santos se originou no seio da cristandade, a força que o fez resistir ao tempo, ainda com que muitas mudanças e permanências, a fim de fornecer subsídios para uma melhor compreensão histórica desta prática na tradição cristã dos primeiros séculos.

Apesar da constitucionalidade da tolerância religiosa, a nação brasileira presenciou diversas notícias que muito repercutiram, como em outubro (12) de 1995, quando um pastor neopentecostal chutou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida num canal televisivo¹; também, quando alguns evangélicos queimaram estátuas da santa católica em

¹ Carneiro, P. L. Chute na imagem da padroeira do Brasil choca país e é reprovado por religiosos. Acervo O Globo. 10 out. 2015. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

Carrapateira no estado paraibano²; ou quando na cidade mineira de Belo Oriente, uma mulher depredou a golpes de enxada uma estátua da Virgem Maria³; e em janeiro (10) de 2017 nas redes sociais viralizou-se o vídeo de uma pastora evangélica destruindo uma imagem da Nossa Senhora na cidade de Botucatu, interior paulista⁴. Esta pesquisa se motiva pela importância do entendimento do surgimento e permanência desta prática no cristianismo, a fim de promover sua melhor empatia. No Brasil, os cristãos alinhados à reforma protestante e igrejas evangélicas proíbem esta prática. Assim, se explicou recortes do processo histórico que levaram os cristãos dos primeiros séculos à adoção desta prática, se tentou capturar parte da percepção e cosmovisão, a fim de entender o sentido que estes sujeitos davam ao culto aos santos, para viabilizar um elo histórico-cultural.

A ORIGEM DO CULTO AOS SANTOS NO CRISTIANISMO SOB UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Contexto de surgimento do cristianismo

O cristianismo teve origem num ambiente monoteísta, e de assíduo iconoclasmo judaico, mesmo que sob o domínio do Império Romano da Antiguidade Tardia. Numa perspectiva cosmogônica, ou seja, numa teoria que visa explicar a origem da ordem e do mundo vigente, herdadas de parte de segmentos do judaísmo, os cristãos definem o mundo como uma realidade criada e perfeita por sua divindade, mas que acabou decaído, em estado de imperfeição, quando a humanidade cedeu às tentações de entidades maléficas.

A ortodoxia judaica pretendia garantir maneiras de satisfazer o Sagrado, purificando-se, com o cumprimento de rigorosas prescrições, supostamente entregues por meio de entidades angélicas a Moisés, nobre egípcio de origem hebraica. Essas determinações exigiam abluções, dietas alimentares, ordenações morais, calendário

² Sousa, L. de. Evangélicos mijam em cima de Nossa Senhora e depois queimam na região de Cajazeiras. Diário do Sertão. 3 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.diariodosertao.com>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

³ Mulher é presa destruindo imagem com golpes de enxada em MG. G1 Vales de Minas Gerais. 23 mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/vales-mg>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

⁴ Tomazela, J. M. Em vídeo, pastora destrói imagem de santa católica e causa polêmica. O Estado de S. Paulo. 11 jan. 2017. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

religioso, sacrifícios expiatórios e práticas rituais diversas. Essas recomendações foram passadas como perpétuas, algumas de ciclos diários e outras de ciclos diversos. Como pode ser visto na carta bíblica aos Hebreus⁵, para uma parcela dos devotos, o efeito da repetição dos sacrifícios não parecia sanar o mal-estar da consciência diante do sagrado, mas trazia consigo uma constante lembrança de seus delitos e, por isso, a suficiência destes sacrifícios eram percebidas como limitadas, ou mesmo, contestadas. Assim, a proclamação do imprescindível papel de Jesus como o único mediador entre a humanidade e a Divindade, como sumo-sacerdote, se mostrou muito atrativa, principalmente entre a população judaica menos ortodoxa e marginalizada.

Mondoni (2014, p.43) explica a respeito da expansão do cristianismo que “a maior parte dos cristãos pertencia aos segmentos sociais inferiores”. E que sua abertura ao ambiente da cultura letrada, fez desta religião também receptiva aos demais estratos sociais. Não se tratou, então, de uma religiosidade de escravos, embora, a princípio, fosse pouco elitizada.

Em uso menos restritivo, por *ortodoxia*, se entende a corrente partidária cujo dogma prevaleceu e foi aceito por boa parte dos diversos segmentos dominantes na sociedade eclesiástica em que está inserida. Contudo, se um dogma – crença permeada de mistérios – declarado como correto é declarado como ortodoxo, devemos, refletidamente, considerar que muito além de ser a crença correta, é a doutrina daqueles que venceram a disputa dogmática e puderam impor aos demais grupos suas próprias conclusões. Assim, não cumpre a este artigo apontar a quem pertence a ortodoxia, mas o papel dos sujeitos que conseguiram se posicionar como ortodoxos e suas consequências para a cristandade, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento do culto aos santos.

O judaísmo era altamente restritivo em relação às imagens e esculturas, principalmente pelo perigo de idolatria a que os israelitas estavam expostos nas novas terras que haviam de colonizar, cercados de pagãos, que representavam por imagens e esculturas seus diversos deuses⁶. Não era diferente debaixo do domínio greco-romano dos

⁵ Hebreus, 10.1,3: A Lei é apenas sombra dos bens futuros, não a cópia da realidade. Apesar dos mesmos sacrifícios sempre repetidos, a cada ano, oferecidos sem fim, a Lei nunca pode tornar perfeitos aqueles que se aproximam de Deus. [...] Ao contrário, por meio desses sacrifícios se renova a cada ano a lembrança dos pecados.

⁶ Bíblia, Josué, 24.15: “[...] escolham hoje a quem querem servir: se aos deuses que seus pais serviram no outro lado do Rio, ou aos deuses dos amorreus no país onde vocês agora habitam. Quanto a mim e à minha casa, nós serviremos Javé”.

primórdios do cristianismo, que contavam com um panteão altamente diverso. É importante ressaltar que os judeus tinham no interior de seu templo, no lugar santíssimo, repartição reservada e vista apenas pelo sumo-sacerdote, duas esculturas de anjos sobre uma arca. Esses anjos não eram ídolos, mas representavam a intermediação entre eles e sua divindade; representavam a recepção das leis por intermédio de anjos, que as entregaram a Moisés no Monte Sinai. O acesso ao santíssimo, lugar mais sagrado do templo judaico, era feito pelo sumo-sacerdote em ciclos anuais. Lá ficaria a arca da aliança, no seu interior estariam alguns objetos sagrados. Diariamente também, os demais sacerdotes que serviam até o limite do santo, parte do templo reservada apenas para a casta sacerdotal, também podiam ver o véu que separava a repartição santa da santíssima. Esta cortina tinha nela querubins artisticamente bordados, como define o livro de Êxodo⁷;

8.

É importante notar isso, porque sugere que, pelo fato de darem aos anjos o papel de intermediários, que trouxeram a lei ao profeta Moisés no monte Sinai, sua representação no interior do templo não configurava em idolatria, e que na verdade era parte de determinações da própria divindade judaica. Alguns dos primeiros cristãos e escritores neotestamentários de origem judaica, tinham certo esse papel intermediário dos anjos na entrega das leis⁹.

O entorno religioso dos Paleocristãos

O cristianismo não se fechou para uma religiosidade etnocêntrica. Um Concílio (c. 51 d.C.), solicitado por Paulo, e realizado em Jerusalém (BÍBLIA, Atos, cap. 15) sob a direção apostólica de Tiago, com a participação de Pedro, definiu os termos de inserção dos não-judeus à fé cristã sem exigências demasiadamente rigorosas quanto aos costumes judaicos. O número de não-judeus dentro do cristianismo se ampliou, e a diversidade de

⁷ Êxodo, 25.18: “Nas duas extremidades do propiciatório, faça dois querubins de ouro martelado. [...] É nesse lugar que vou me revelar a você, em cima do propiciatório. Colocado entre os querubins que estão sobre a Arca”.

⁸ Êxodo, 26.32-36: “Faça também um véu de púrpura violeta... Faça nele um bordado com figuras de querubins. [...]. O véu servirá de separação entre o Santo e o Santo dos santos”.

⁹ Gálatas 3.19: “[...] A Lei foi promulgada pelos anjos...”; ver também o contraste do Evangelho em relação à lei angélico-mosaica em Hebreus 1,5-2,4, como a tendência neotestamentária de associar a lei entregue a Moisés como intermediada por anjos.

interpretações e de costumes dentro da igreja em formação também. Porém, o zelo do cristianismo em não cometer a idolatria de venerar o imperador ou aos deuses greco-romanos mostrou-se um obstáculo para sua adesão pela elite romana, declarar-se cristão sugeria ateísmo e era criminalizado pelo Estado Romano (KAUFMANN. et al. 2012. Isso rendeu aos cristãos inúmeros mortos, até a chamada Paz da Igreja, quando o imperador Constantino I encerrou a perseguição após o quarto século de existência da cristandade (PELLISTRANDI, 1978).

Dada esta abertura, a busca pela origem do culto aos santos pode dar pista. Os mortos nos tempos das perseguições desde os apóstolos eram tidos como mártires, palavra que significa *testemunha*, por sua bravura em manter o testemunho de Jesus Cristo mesmo face à morte. E, subscritos numa cosmovisão em que a humanidade não mais ficaria no *Hades* grego ou no *Sheol* judaico, mas que, desde a morte, seria levada ao Reino de Deus, e com a divindade se beneficiaria das bem-aventuranças eternas, o natural sentido de que os santos habitantes do céu podem levar até Deus os pedidos dos devotos vivos, fornece o substrato necessário para o culto dos santos.

Para Le Goff (2014), o cristianismo possibilitou a existência da pessoa do santo. Conforme a cosmovisão cristã vai sendo analisada, isso fica mais claro. Porém, seguindo Kaufmann (2012), vale ressaltar que, originalmente, o cristianismo se forjou pela alegação de que Jesus teria exclusividade no papel de mediador, e assim, conseqüentemente, não haveria espaço para outros intermediários.

Para Silva e Silva (2016, p. 17), “o santo é um fenômeno histórico”. Logo, passível de análise e compreensão histórica. Por isso, antes de continuarmos na noção da consciência pós-morte do cristianismo primitivo, voltemo-nos para a noção judaica e greco-romana do Além. Para um dos autores do livro bíblico *Eclesiastes* (c. 930-586 a.C.) o *Sheol* era nada atrativo. Ele não via consciência no pós-morte, a palavra é muitas vezes traduzida como sepultura e tida como um lugar de descanso, senão descaso, que beira a inexistência, onde méritos não são contados¹⁰.

¹⁰ *Eclesiastes* 3,19-22: [...] a sorte de homens e animais é uma só: morre um e morre o outro, todos têm o mesmo sopro de vida, e o homem não supera os animais. Tudo é ilusão. Todos caminham para o mesmo lugar, todos vêm do pó e todos voltam ao pó. Quem é que sabe se o sopro de vida do homem vai para cima e se o sopro de vida do animal vai para baixo da terra? E assim observei que não há nada melhor para o homem do que alegrar-se com suas obras. Essa é sua porção [...].

Nestas poucas palavras é revelada certa resignação diante da morte, parte de um período no qual ainda as ideias de ressurreição e consciência no pós-morte não estavam desenvolvidas no judaísmo ortodoxo. Neste mesmo caminho, em sua defesa sobre a ressurreição, o apóstolo Paulo, nas palavras de Klauck (2011a, p. 93) “recorre a um *slogan* mais antigo, que exprime com precisão o sentimento em relação à vida nutrido por muitas pessoas de sua época”, ao expressar, “se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”. Quanto ao *Hades* grego, tem muita similaridade com noções interpretativas do *Sheol* como o acima mencionado. Nas palavras do autor, a respeito da existência no *Hades*, a opinião recorrente é a “de almas sem força que vegetam num reino sombrio sob a terra” (KLAUCK, 2011a, p. 88). Nessas condições, sua similaridade com a concepção do *Sheol* é bastante acentuada.

Assim, o cristianismo traz consigo uma esperança atrativa em relação à expectativa do pós-morte tanto a judeus quanto a não judeus. Os mortos greco-romanos cristãos, que agora não mais precisavam ser abrandados, nem nutridos com oferendas, mas eles mesmos fazem pela humanidade o maior de todos os bens, a intercessão direta até Deus. Papel que no final do séc. I, como aponta o livro de Apocalipse, mesmo que com Cristo, parte dos cristãos ainda entendiam como dos anjos¹¹.

Vale ressaltar que onde se lê santo, na citação bíblica acima, se refere aos cristãos vivos que estavam sendo perseguidos quando o livro de Apocalipse foi escrito. No entanto, o mesmo livro de Apocalipse abriu um precedente ao narrar que os mártires estavam diante do trono de Deus, e livremente faziam petições para que houvesse justiça no plano terreno¹². Segundo Costa (2012, p. 452), “a principal função do santo é interceder perante Deus em favor do crente, de forma a garantir uma “boa morte” e uma passagem rápida para o paraíso e para a salvação”. Portanto, ser santo é mais do que um modelo de vida a se seguir, é alguém que pode ajudar a modelar a existência de forma sobrenatural. Os santos vivem no pós-morte para que a humanidade possa viver melhor encomendada aqui em vida.

¹¹ Ver Apocalipse 8.3-5. Note a figura de um anjo, segurando um incensário, instrumento eficaz em tornar agradável, e por isso aceitável, o oferecimento das orações de todos os cristãos diante do altar divino.

¹² Apocalipse 6.9-11: Vi debaixo do altar as almas dos homens imolados por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho de que eram depositários. E clamavam em alta voz, dizendo: Até quando tu, que és o Senhor, o Santo, o Verdadeiro, ficarás sem fazer justiça e sem vingar o nosso sangue contra os habitantes da terra? Foi então dada a cada um deles uma veste branca, e foi-lhes dito que aguardassem ainda um pouco, até que se completasse o número dos companheiros de serviço e irmãos que estavam com eles para ser mortos.

Nas palavras de Silva e Silva (2016, p. 18), o santo é “aquele que já reside em um outro lugar, um lugar próprio dos espirituais, mas com os pés nesse mundo ainda”. Conseqüentemente, os santos estão próximos, à distância de uma prece. “O que precisa invoca, pede, promete. O santo dá e recebe. O que, no limite, leva a um certo mercadejar com os santos” (COELHO, 1995, p. 29 e ss. apud COSTA, 2012, p. 453).

Costa (2012, p. 453), a respeito das trocas entre devoto e o santo, diz que o “crente invoca o santo e roga-lhe um favor, prometendo logo uma oferenda – normalmente uma peregrinação – e criando assim uma relação”. Na religiosidade católica popular no Brasil, há devotos que, ao fazerem seus pedidos ao santo Antônio, por exemplo, retiram a imagem do menino Jesus, já feita removível, para apenas devolvê-la junto ao santo quando o pedido for cumprido. A ortodoxia católica, entretanto, não considera tal prática.

Santos Mártires

Pellistrand, Kaufmann, Le Goff, Mondoni, e Silva e Silva (1978; 2012; 2014; 2014; 2016, respectivamente), afirmam que antes de se espalhar por toda a cristandade, as devoções aos santos se desenvolvem, geralmente, sobre os lugares de suas execuções, e sobre seus túmulos. Como Schmitt (2007, p. 285) explica, as “reliquias dos santos são em sua maior parte, pedaços de corpo morto, ossos, quer dizer, restos das partes duras do corpo”. Kaufmann (2012, p. 63) ressalta que a execução do bispo *Caecilus Cyprianus* de Cartago se mostra como um exemplo de como a veneração aos mártires desenvolveu o culto dos santos. Isto, porque “o túmulo de Cipriano proporcionou o surgimento de outros túmulos (sepultamento ad sanctos) e a festividade do dia de sua morte foi introduzida no calendário da comunidade de Cartago (cf. CIPRIANO, Ep. 12,15.)”. Kaufmann (2012, p. 63) declara que “se supunha que os mártires, mediante o derramamento de seu sangue e as subseqüentes preces junto ao altar celeste, eram capazes de ajudar muitos a se salvar”¹³.

Segundo Le Goff (2014), Tiago de Varazze, autor de *A Lenda Dourada*¹⁴, evocaria o que foi o início do culto dos santos, o ano de 343, então ligado à noite e sepultamento de São Nicolau. E ao analisar a obra de *Tiago de Varazze*, identifica uma construção do sagrado

¹³ Sobre este tema, ver também ORÍGINES, *Exhortatio ad martyrium* 30.37.

¹⁴ Ver tradução brasileira do medievalista Hilário Franco Júnior intitulada *Legenda áurea* (2003), publicado pela editora Companhia das Letras.

no tempo, a evocação de milagres acontecidos *post mortem*, que em teoria se prolongaria da morte do santo até o Juízo Final. Mesmo podendo manifestar-se, de volta à terra, para cumprir milagres. Os santos tornam-se, nas palavras de Le Goff, intemporais. Ainda declara que:

A santidade e a natureza do santo evoluíram desde os inícios da época cristã. A aparição dos santos marca uma das primeiras rupturas do cristianismo com o judaísmo que distinguia apenas os profetas e os patriarcas, enquanto que, depois dos apóstolos, o cristianismo definiu essencialmente como santos os mártires que deram sua vida pela nova fé no momento em que ele substituiu pouco a pouco o paganismo antigo e judaísmo (LE GOFF, 2014, p. 54).

Para Silva e Silva (2016), o martírio funcionava como eficiente instrumento propagandístico do cristianismo, uma vez que a sociedade greco-romana respeitava o ato de morrer. “A transformação dos mortos cristãos em heróis realizou-se numa cultura que conhecia o fenômeno da exaltação daqueles que morriam corajosamente...” (Id. Ibid., p. 42). E, que, “para o cristianismo antigo, o mártir era o bom cristão que enfrentava a morte para defender sua fé” (Id. Ibid., p. 43).

Em 313, Constantino publicou o Édito de Milão, permitindo aos cristãos o acesso à tolerância para a prática de sua crença sem distúrbios por parte do Estado Romano. Supostamente o imperador alega ter recebido uma visão do próprio Jesus Cristo, quem o avisou que caso ele usasse no estandarte o cristograma *Chi Rho*, iniciais do título Cristo no grego, o deus cristão lhe daria vitória sobre seu rival Maxêncio. Como prometida, a vitória veio e Constantino lançou favores aos cristãos. Porém, como ressalva Pellistrandi (1978, p.10):

[...] Não devemos pensar que com a conversão do imperador o mundo romano subitamente “cristianizou-se”. Aliás, o gesto de Constantino, mesmo aos olhos de seus companheiros mais próximos, continuou ambíguo: ele não esperou a véspera da sua morte para pedir e receber o batismo? É claro que sua decisão foi, antes de tudo, de ordem política: visava a reconciliar os cidadãos de uma mesma coletividade – Roma – que a divisão religiosa tinha enfraquecido, principalmente face aos perigos externos. Se Constantino compreendeu que, a longo prazo, os cristãos ganhariam (por isso favoreceu-os cada vez mais abertamente), nem por isso reconheceu o Cristianismo como a nova religião do império; e a doutrina oficial, em princípio, continuará a ser a tolerância e a liberdade religiosa. Isso não impede que a política inaugurada em 313, consolidada sem interrupção e depois retomada pelos sucessores de Constantino, tenha provocado na sociedade romana uma mutação religiosa e cultural, que terminará através do que se convencionou chamar Paz da Igreja, no advento do império cristão [...].

Com base neste autor, deduz-se que Constantino fez um ato político. O autor também informa que Constantino patrocinou a construção de templos cristãos e a restituição dos bens da Igreja apreendidos. Neste período a arte cristã se renovou. Inaugura-se, assim, um período em que a arte cristã deixa de ser clandestina, para agradar os diversos públicos, e se tornar requintada.

Assim, o culto de invocação aos cristãos no pós-morte alcançou real desenvolvimento, fruto da conversão de um número maior de leigos em todo o império. Sem perseguição estatal, e a possibilidade de adesão da concepção de vida paradisíaca após a morte aberta, os greco-romanos, de origem politeísta podem conceder mais pistas para nossa pesquisa. Os greco-romanos praticavam uma espécie de culto de veneração aos santos, que, não igual, guardava muitos aspectos comuns ao culto aos santos.

O Além greco-romano não era feito apenas de espíritos vegetativos. Contava também com pessoas, muito específicas e poucas, que por seus feitos fantásticos, tinham um fim fantástico, muito ligado ao divino. Klauck (2011a) fala sobre a importância do entendimento da atmosfera religiosa presente no espaço onde o cristianismo se desenvolveu, pois, para melhor entender o cristianismo, se precisa entender melhor o mundo greco-romano da Antiguidade tardia.

Há possíveis ligações entre a cosmovisão dos greco-romanos e dos cristãos do período da Antiguidade. Muitos dos neófitos cristãos provinham de origem greco-romana, ocasionando-se transferências de sentidos e práticas. Em seu segundo volume, Klauck (2011b) trata sobre o culto aos governantes e imperadores, os quais os primeiros cristãos se negaram venerar e adorar. Encontrar pontos convergentes entre o culto dos santos e o culto dos imperadores ou governantes, ou entre a religiosidade cristã e a religiosidade greco-romana, permite um melhor entendimento dessas práticas.

Em casas de cristãos ortodoxos, é comum, ao entrar, encontrar logo após a porta, um canto onde estão os santos, em imagem, além de velas e incensos. O movimento iconoclasta dentro cristianismo, por exemplo, apenas ganha força com a pressão externa de outros povos iconoclastas, como os islâmicos por exemplo, e, numa conjectura interna de remanescentes não ortodoxos no controle imperial oriental. Isso quer dizer que por muito tempo, os cristãos sequer se questionaram do uso de imagens ou ícones, pois seu uso procede da já estabelecida concepção de intercessão dos cristãos do pós-morte, tal como a elaboração de escultura e imagens têxteis dos anjos no judaísmo.

Klauck (2011a, p. 74) diz que desde os primeiros estágios da religiosidade grega, isto é, desde os tempos minoicos e micênico, altares com imagens divinas em pequenos formatos são verificáveis. Estes altares domésticos são “nichos na parede para acolher pequenas estátuas divinas [...]. Pinturas na parede representando seres divinos cumprem a mesma tarefa”. O autor aponta evidencia disso em escavações realizadas em Pompéia e Herculano, cidades atingidas pela erupção do Vesúvio [79 d.C.].

Guardadas as proporções, há certa ligação entre esta forma de religiosidade greco-romana e o culto dos santos. Porém, não como uma continuação das mesmas experiências. Mas um resgate destas experiências, quando a deificação de Cristo como igual ao Deus Pai traz de volta a importante questão sobre quem estaria ocupando a posição de intermediário do homem e Deus. Como Silva e Silva apontam (2016), o *Speculum Sacerdotale* apresenta ao menos duas razões para a celebração e culto aos mártires, exemplo de vida e de motivação, e, principalmente, a intercessão dos santos mártires ajudaria quem ainda está vivo.

Jesus, “o intermediário é divinizado”

Kaufmann (2012) afirma que, para o autor da epístola aos Hebreus, Jesus é considerado o exclusivo mediador entre a humanidade e a divindade, capaz de conceder a todos os cristãos acesso imediato a Deus, embora essa devoção exclusiva não tenha se mantido no decorrer do tempo. Conforme a cristologia da igreja ganha corpo, isto é, a maneira que as doutrinas a respeito de Jesus Cristo se desenvolvem, seu papel como único mediador ultrapassa, no seio da igreja em formação do primeiro século, àquele reservado aos querubins na tradição judaica. Isto significa que Jesus é visto como portador de acesso especial diante do trono real, no caso, divino, e por isso poderia ser a melhor chance de uma pessoa contatar a Deus. Sua mediação o torna eficaz.

Na carta bíblica aos Hebreus, Jesus Cristo é por diversas vezes destacado como melhor que todos os profetas judeus, mesmo Moisés ou os anjos, e que seu sumo-sacerdócio era insuperavelmente melhor do que de qualquer humano ou mesmo anjo, devido à sua alta posição de Filho de Deus. A carta chega a afirmar que fora do sacerdócio de Cristo não havia salvação, pois com a vinda do Filho de Deus no mundo todos os sistemas pactualis passados estavam obsoletos. Nisto compreendia a ortodoxia da Igreja,

como pode ser evidenciado em diversos escritos cristãos bíblicos, como as epístolas do Novo Testamento.

Surge, então, no início do século IV, Ário, um presbítero de Alexandria, que sustentava junto de seus seguidores, a ideia de que Cristo não era Deus nas mesmas proporções que Deus Pai. Mas que Jesus foi trazido à existência, por Deus Pai, em algum momento de sua preexistência humana, isto é, houve algum momento no tempo em que Cristo não existia, ainda que isso possa ter ocorrido anteriormente à criação. Com o tempo, disputas teológicas, agora às claras, tomam conta da cristandade. Constantino convoca então um concílio ecumênico (325 d.e.c.) comissionando todos os bispos debaixo do império, a virem e definirem o dogma cristão. Assim, a nova religião dos favores imperiais precisa desenvolver um corpo de dogmas, e com o apoio imperial estabelecer a ortodoxia dominante. Neste concílio fica formulado um credo, também o dogma da Trindade. Ário acaba banido, em degredo, considerado herético. Ainda que três anos depois esta decisão é anulada, por incentivo imperial, simpatizante do arianismo. Em 335 d.e.c., Ário morre subitamente, pouco depois de ser readmitido na Igreja (JENKINS, 2013).

No ano 330, Constantino move sua capital imperial para a antiga cidade de Bizâncio, renomeada de Constantinopla, e lá se desenvolve uma arte cristã original e rica, a qual se torna parâmetro para a cristandade. Podem ser vistos na arte bizantina resultados do concílio de Nicéia (325 d.C.). Neste tipo de iconografia os motivos são peculiarmente alinhados em uma representação de Cristo adulto, com feições humanas mais delineadas e reais. Jesus é retratado de busto, ou, de corpo inteiro; neste último, geralmente, está assentado no trono divino como Deus regente. Após o primeiro concílio de Nicéia, Jesus na ortodoxia fica declarado consubstancial ao Pai, isto é, igual a Deus Pai em todos os aspectos. Assim, o mediador entre Deus e a humanidade, é oficialmente consagrado como pleno Deus na cristandade. Do lugar de privilégio à direita de Deus, Jesus agora é promovido como Deus no majestoso trono celestial:

No cristianismo [...] a tentação persistente sempre foi transformar Cristo em uma figura divina, livre de qualquer elemento humano. Todas as vezes que o cristianismo foi uma fé autoconfiante, que dominava impérios, os crentes geralmente imaginavam um juiz celestial temível ou um Soberano cósmico, o pantocrator (o Todo Poderoso) ou Soberano Supremo, que lança um olhar furioso da cúpula de uma basílica imensa, e cujo status humano era difícil de aceitar (JENKINS, 2013, p. 27).

Assim, Jesus ganha em posição vertical o que perde em atuação horizontal. Antes, sua posição à direita do trono divino lhe concedia direitos à audiência com a divindade, em favor da cristandade, aos quais ele também comunicava a chave de acesso ao trono. Agora, porém, ele não é mais alguém de privilégio, mas o próprio soberano, a quem necessitamos de ajuda para aceder. Um caminho que, inevitavelmente, leva Jesus a um *status* que, embora encarnado entre os homens, é distinto de qualquer uma de suas criaturas, devido à sua divindade, elevando-o a uma inacessível posição aos meros mortais que, para poderem acessá-lo, precisam de maneiras especiais, que com o tempo foram encarnadas nos santos, mortos, mas conscientes no reino celestial, no pós-morte. Quando as massas populares entrincheiraram as fileiras cristãs ansiavam uma religião mais palpável e certezas concretas, assim o culto aos mártires, mais próximos aos fiéis, institucionalizou-se (PELLISTRANDI, 1978).

A igreja militante, termo usado para a cristandade viva, supostamente está sob uma “nuvem de expectadores” formados pela Igreja triunfante, a “Igreja dos Primogênitos” (os cristãos nos céus), justos aperfeiçoados e hostes angelicais, de acordo com a cosmovisão cristã (BÍBLIA, Apocalipse, 6,9-11; Hebreus, 12,23). Nessa linha de pensamento, não há ruptura na comunhão entre os cristãos, de tal forma que aquele que quando vivo, aqui intercedia, lá no reino celestial permanecerá intercedendo.

De acordo como a historiadora Karen Armstrong (2008, p. 353) “Calvino dizia que as pessoas veneravam os santos por ansiedade; para aplacar um Deus furioso, dirigiam-se aos que se acham mais próximos dele”. Bem diferente da versão da divindade que interagiu gentilmente com Abraão, testou Jacó no vale de Faniel, muitas vezes mesmo em forma humana, maneira comum de manifestação divina na Antiguidade. Armstrong também diz que, na visão dos antropólogos, a ideia de uma divindade intangível e inexprimível gera distância, e essa divindade acaba sendo substituída por entidades menores e divindades mais acessíveis. Portanto divindades que não interagem com a humanidade não inspiram espiritualidade e não são capazes de conter exclusividade adorativa. Armstrong exemplifica o distanciamento entre o divino e o humano, ao citar os cristãos dos séculos XIV e XV, que contavam com intensa difusão da veneração aos santos e suas relíquias, mas não em Deus.

Nas palavras de Peter Brown e Martins (1982, p. 52 e ss; cit. p. 60, apud COSTA., 2012, p. 453), a pessoa do santo é a “companhia invisível”, de função idêntica ao “anjo-da-

guarda”, assistindo o indivíduo por toda a vida, como padroeiro, protegendo e inspirando toda uma comunidade. Silva e Silva (2016) citam que uma coleção anônima de sermões datados para o fim do séc. XV, denominado *Speculum Sacerdotale*, oferecia dois motivos para celebrar o culto dos mártires: inspiração de vida e intercessão diante de Deus.

O túmulo e relíquias dos mártires eram entusiasticamente venerados, supondo-se que podiam ser milagrosos. A invocação dos santos e mártires glorificados junto à cidade celestial, e por isso, considerados os melhores intercessores diante do trono da graça se torna essencial para a religiosidade cristã das massas. É um acesso ao divino tornado possível sem se preocupar com sua própria humanidade, mas aceitando-a no santo que se compadecerá e sabe suas necessidades humanas.

A encarnação e o culto mariano

Se todos os mártires ascendem à utilidade de intermediários entre a humanidade e Jesus, sua mãe também ascende ainda de maneira mais intensa. O culto à Virgem Maria se tornou um fenômeno muito praticado. Quando Maria visitou Isabel, sua prima, cheia do Espírito Santo, a chamou de “mãe do meu Senhor” (BÍBLIA, Lucas, 1,41-44). Senhor, em grego, *kyrios*, é um termo particularmente usado na tradução grega das escrituras judaicas para se referir a Deus.

Em 381, houve outro concílio, desta vez em Constantinopla, porque houve carência nos esclarecimentos de quem seria o Espírito Santo, anteriormente. Assim, Macedônio pregava que o Espírito Santo não estava em igualdade com o Pai. Macedônio encontrou discípulos entre antigos arianos. Este concílio então declara o posicionamento de que o Espírito Santo também era Deus, reafirmando o dogma da Trindade (JENKINS, 2013).

Em Nicéia, a fórmula trinitária sobrepujou o arianismo, em seguida também a doutrina de Macedônio em Constantinopla. O triunfo do dogma da Trindade e da Encarnação produziam pensamentos ambíguos. Jesus volta a ser motivo de debates que se acaloraram, a discussão se centrava na natureza do Verbo Encarnado. Seria Jesus de uma única natureza? Seria Jesus apenas Deus, ou seria ele divino e humano? Este tema suscitou não apenas discussões cristológicas, mas também mariológicas, porque ao separar a humanidade da divindade, restara a dúvida se Maria era mãe também da parte divina ou apenas da parte humana de Jesus Cristo.

Nestório, patriarca de Constantinopla, nova sede imperial, buscou se posicionar moderadamente, assim, disse que em Jesus havia apenas uma natureza que era tanto divina quanto humana, mas que a Virgem não deveria ser chamada nem de Mãe de Deus, ou mãe do homem, mas mãe de Cristo. Nestório ignorara o quanto o culto mariano havia se desenvolvido. Formado o concílio em Éfeso em 431, como resultado o patriarca perdeu quanto à cristologia que defendera, acabando por ser degredado. Contudo, Nestório não estava sozinho, produzindo a primeira ruptura na cristandade. Em oposição a Nestório, o dogma prevalecente no concílio era de que Cristo era uma única pessoa, mas de duas naturezas diferentes, a humana e a divina. Essa formulação, contudo, não agradou a todos. Seu degredo faz significativa difusão de sua doutrina império afora, principalmente, debaixo do domínio persa (Id. Ibidem.).

Bispo Epifânio, do século IV, alertou seus leitores para praticarem a adoração (*latreia*) devida a Deus e a veneração (*proskunesis*) merecida por Maria com distinção. Provavelmente, não se trata de um pedido aleatório, mas seja o caso, de o bispo ter percebido pessoas passando dos limites em sua veneração mariana. Jenkins informa que:

Ao desmerecer o termo Theotokos, Nestório foi ao cerne do paradoxo cristão. Hoje essa palavra soa menos chocante, por causa da difusão da prece Ave Maria, que tornou a expressão “Mãe de Deus” familiar na maioria dos idiomas ocidentais [...] Na época dele, a devoção à Virgem Maria vinha se tornando a parte maior da prática cristã popular, pois Maria se cobriu de divindade em paralelo com Cristo. Já no século II, Evangelhos apócrifos lançavam uma imagem exaltada de Maria, virgem perpétua e com uma vida que seguiu em paralelo com a do filho. No século IV, dissemina-se a ideia de que ela não teria sofrido uma morte comum, mas sim ascendido ao céu. Figuras da Virgem e do Filho, em retratos e estátuas que se converteram em lugares comuns na arte religiosa, imitavam antigas figuras pagãs de uma deusa e seu divino herdeiro...” (idem, 2013, p. 163).

O Concílio de Éfeso deixou declarado que qualquer posição que negasse a Encarnação do Verbo ou negasse a Virgem Maria como mãe de Deus estava proibida. Cantù (1970) explica que este concílio foi decisivo para que o culto a Maria se desenvolvesse. Pois quanto mais acirrado era o discurso dos que tentavam tirá-la da posição alcançada no seio da Igreja, mais fundamentalista eram os marianos, apegados à veneração da Virgem Santa. O culto à virgem sobrevive e se desenrola com um novo fôlego, institucionalizado após resultados do concílio.

Jenkins cita que ainda no século V, no seio imperial, contra Nestório, em Constantinopla, onde ele era bispo, *Aelia Pulcheria* (399-453 d.C.) a imperatriz-consorte, também irmã e filha de imperadores passados:

Distinguia Pulquéria um místico fervor pela Virgem Maria, responsável pela construção de igrejas e santuários a ela dedicados. Na década de 430, Constantinopla adquiriu uma extraordinária série de relíquias da Virgem, incluindo uma túnica, um cinto e o ícone dela pintado a partir da história de vida relatada por São Lucas. Cada qual era colocado em um esplêndido novo prédio. Essa obsessão por Maria, inovadora na época, mas bem-vista nos corredores dos templos, teria sido uma espécie de atalho, mais do que de conduta. Mas Pulquéria também fazia pleitos assombrosos sobre seu próprio status dentro da Igreja e identificava-se com a figura da Virgem Maria, *Theotokos* ou portadora de Deus [...].

[...] Tornou-se líder ou pontífice de um extravagante culto devotado a Maria, e junto com seu séquito de virgens e mulheres santas, desempenhou papel visível nas liturgias públicas daquela que já constituía uma das maiores Igrejas da Cristandade” (JENKINS, 2013, p. 144).

Sobre Maria ser a Mãe de Deus, não restou mais espaço para dúvidas, não pela compreensão de todos, mas pelo poder coercitivo da ortodoxia. Devido à forma como o Concílio de Éfeso se dirigiu, pouco efeito teve além de fortalecer o culto mariano. Na verdade, a cristologia sobre a constituição humana e divina da pessoa de Cristo ainda teve que ser retratada duas décadas mais tarde. A invocação a Maria com mãe de Deus era unânime, mas duas vertentes se desdobraram quanto ao modo como Cristo passou a ser percebido no seio da ortodoxia cristã até então vigente. O diofisismo e o miafisismo. Para os diofisistas, assim com água e óleo eram opostos e não se misturavam, as naturezas de Cristo eram duas e opostas, uma humana e outra divina. Já para os miafisistas, Cristo era entendido como tendo apenas uma única natureza, sem distinção ou confusão entre humana e divina. Ambos os partidos aceitam a invocação dos santos e a veneração da Virgem como a Mãe de Deus sem qualquer diferenciação, mas discordavam em sua cristologia (ALBERIGO, 1993).

Finalmente, o dogma que se fez dominante, isto é, ortodoxo, diante dos demais credos, a respeito da pessoa de Cristo. Foi o alegado por Proclo, parte do clero de Constantinopla, que difundiu o conceito de Encarnação, intimamente ligado ao culto mariano. Próximo à Pulquéria, Proclo também era ex-discípulo de João Crisóstomo, o eloquente e falecido arcebispo de Constantinopla. Embora seu mentor seja conhecido como “a boca de ouro”, Proclo não ficou por menos eloquente, pois na defesa da Mãe de Deus, nenhum sermão foi tão pioneiro quanto o seu:

Imaculada expressão da virgindade, paraíso espiritual do segundo Adão, forja da união das naturezas, mercado do contrato de salvação. E mais: representava a câmara nupcial em que o Verbo encarnou em casamento, a serva e a mãe, a donzela e o céu, a única ponte para a humanidade (apud JENKINS, 2013, p. 166).

Proclo ainda defende: “Não pregamos um homem deificado” e que “Nós reconhecemos um Deus encarnado”. O que para o culto mariano era muito importante, uma vez que Cristo não usou de sua mãe como um “frasco temporário” apenas, mas da natureza de sua mãe herdou sua humanidade, tal que, a um só tempo, era consubstancial ao Pai e da mesma natureza que sua mãe.

Os anjos, por entregar a lei divina a Moisés, foram forjados na arca, e no véu de acesso ao lugar santíssimo, além de se tornarem parte do culto popular nos círculos judaicos. Assim, Maria, a portadora de Deus em seu útero, também passou a ter a posição que era a dos anjos. Em seguida, conforme Jesus é ascendido como o Deus de igual natureza com o Pai, a Mãe de Deus gradualmente vai assumindo a posição de privilégio de acesso ao Deus Filho. Seja por ser sua mãe aqui no mundo, ou por ser a Mãe de Deus no pós-morte onde ela estaria na melhor condição existencial possível, a “mãe do meu Senhor” passa a ser denominada de “Nossa Senhora”. Jenkins informa (2013, p. 299) que “a prática religiosa e a iconografia apoiaram esse movimento, com a glorificação de Cristo como o soberano divino todo poderoso, e de sua Mãe como semelhante a uma deusa”. O que a posicionou precisamente onde Cristo inicialmente foi concebido, mas de onde tão logo ele foi promovido a Pantocrator, e sua mãe, a melhor chance de acessá-lo.

A relevância, contudo, de se estudar esse recorte histórico do culto aos santos, se justifica por ser uma prática ainda viva e atender anseios, uma vez que, devido sua humanidade, estes santos são eficazes certezas de acesso privilegiado ao divino. Não numa relação vertical, mas pessoal, que mantém a confiança de que o santo não apenas está consciente no pós-morte, mas que entende e atende o devoto. Não apenas por dividirem parte de sua natureza com os demais humanos, mas porque foram humanos plenos que chegaram às posições que hoje lhes permitem atender o pedido por intercessão junto ao divino. E no caso específico de Maria, era entendida como cheia de graças divinas quando mantinha em seu ventre a divindade, e acabou por ser divinizada mais do que seu filho foi humanizado.

Novos santos

O importante papel desempenhado pelos santos nas comunidades cristãs iniciais sofreu mudanças ao longo do tempo. A princípio, para ser santo era necessário também ser martirizado. Contudo, como já mencionado, Constantino descriminalizou o cristianismo, não mais uma *religio illicita*, então, os mártires se tornaram escassos.

Quando legalizado, sem mártires de morte, buscou-se, então, participar na vitória divina sobre o mal, lutando contra os vícios e maldades interiores, e desta prática surgiram os novos santos. “Tornou-se comum também apontar os monges como os novos heróis da Cristandade. Eles eram irmãos dos mártires, ou mesmo os novos mártires” (SILVA; SILVA, 2016, p. 44).

Jenkins escreve que:

O povo do agonizante mundo romano acreditava com firmeza que estava encarando assaltos de poderes espirituais malignos, poderes que só poderiam ser confrontados por heróis e campeões das coisas do espírito. Isso abrangia, acima de tudo, os santos homens e mulheres que se multiplicavam através do império: ascetas e ermitões, monges e ascetas, cuja ostensiva rejeição ao mundo concreto lhes permitia desafiar as forças do mal [...]. [...] E foi exatamente nesse período que santos célebres passaram a morar no alto, bem acima dos pilares de uma casa, recebendo comida diariamente de discípulos fiéis, por meio de roldanas que a elevavam por cordas sobre penhascos. Por volta de 420, Simeão Estilita começou a ocupar o cume no qual se manteve por inacreditáveis trinta anos... [...] pessoas que pareciam estar fora do mundo adquiriram espantosa autoridade e ganharam respeito pela habilidade de liderar seus seguidores e simpatizantes rumo à salvação (2013, p. 136-137, 138).

Estes santos, que não morriam para se tornarem santos, e sim praticavam austeridade, passaram a ter muita influência, embora nem todos fossem alinhados à tradição ortodoxa. Isso causava transtorno à centralização do poder, Jenkins cita que:

novas correntes religiosas radicais transformavam ideias da base do poder, dando grande autoridade a líderes religiosos carismáticos. Na nova visão cristã, a rejeição da sexualidade e do mundo material levou Deus a conceder poderes sobrenaturais espantosos aos seguidores eleitos, e esses dons se manifestavam em visões e milagres curativos. Potencialmente, esse poder superava qualquer quantidade de força que o mundo secular podia aplicar contra ele. (Id. *Ibidem.*, p. 54).

Porém, como o tempo as cidades pagãs se tornam cristianizadas, e aqueles líderes distantes não contam com a mesma dedicação que antes. O lema cristão de ser luz relevante fica em alta, e “os bispos, vigias do bem-estar material e espiritual da sua

comunidade, tornar-se-iam santos precisamente por se verem inseridos no meio social e mundano, especialmente das cidades” (SILVA; SILVA, 2016, p. 18).

Le Goff (2014) e Silva e Silva (2016) concordam que o papado, até o fim do século XII, passou a controlar o processo de canonização aos católicos romanos, a fim de conter e regular novos cultos, principalmente, porque muitos santos que em vida foram considerados heréticos pela Igreja de Roma, passaram a ser parte de culto popular em toda a Cristandade.

A definição de santo ou herético passará então ao poder de quem narra a história, “[...] mais do que a vida prévia do cristão, as circunstâncias da morte, o tipo de testemunho prestado, o que conta mesmo é um conjunto de interesses da Igreja” (SILVA; SILVA, 2016, p. 49). O que mostra como podem ser fabricados os santos. E, sobretudo, a demanda pelos fiéis de que santos sejam fabricados e sanem a necessidade de se estabelecer um caminho seguro até a divindade baseado em cristãos do pós-morte.

Metodologia

Este artigo se baseou numa investigação bibliográfica pautada no eixo de teoria e historiografia, a fim de alcançar os objetivos propostos. Foi feita uma discussão historiográfica a partir autores voltados à Antiguidade Tardia e Medievo, e à História da Igreja, a fim de averiguar como esse debate tem se realizado na academia, no que se refere à história cultural da religiosidade, onde mais do que aspectos políticos, as motivações e intenções foram levados em conta. A parte política se tornou um caminho para difusão e embates de cunho teológico e cultural do recorte pesquisado. Como manobra de domínio para fins de difusão de crenças.

Inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica a fim levantar dados sobre o entorno religioso do cristianismo primitivo e suas práticas, relacionando este contexto com a ascensão do culto dos santos. Para isso, foram analisados os contextos espaciais e temporais a partir dos quais emergiu o culto. Um recorte da religiosidade e padrões culturais que influenciaram as práticas cotidianas foi relacionado.

Baseado em autores diversos, a origem do que se tornou o culto dos santos, foi relacionada a cultos que ocorriam ao redor do túmulo dos santos, os quais inicialmente eram essencialmente os mártires. A modificação da cosmovisão religiosa da transição do

judaísmo para o cristianismo e a conseqüente releitura da existência do pós-morte foram analisados.

Em seguida, foram analisados os concílios ecumênicos, suas definições cristológicas e suas conseqüências no florescimento do culto dos santos pela cristandade. A divinização de Jesus em Deus Filho, e seu estabelecimento de igualdade como o Deus Pai, movendo Jesus da direita do trono divino para a posição de assento no trono, e toda a conseqüência proveniente desta promoção foram considerados.

Também foi levantada, ainda por questões cristológicas, a posição que se fortaleceu e se impôs a respeito da natureza de Cristo. Foi focado o efeito natural de necessidade por intercessores mais próximos de sua realidade, por parte dos devotos, na busca por contato com o divino para, essencialmente, forjar a iminência do culto aos santos.

Por fim, foi verificado que a necessidade de intercessores, mesmo num contexto de mudança do entorno do cristianismo, forjou novas formas de conceber e de fabricar santos, diferentes, mas igualmente imprescindíveis para o acesso ao divino. Assim, a essência do que faz este culto permanecer se faz com a necessidade do devoto de tê-los, com o objetivo de garantir os favores divinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas imposições teológicas se perderam com passar do tempo, independentemente da qualidade de sua difusão ou de seu difusor, isto porque nenhuma pessoa recebe opiniões alheias a si, da mesma maneira que uma folha de papel em branco recebe o que nela se escreve. A limitação da oralidade na religiosidade popular faz transmitir apenas o que é relevante para a próxima geração, modificando e permanecendo o imprescindível, tão somente. Logo, se a prática de culto aos santos, mesmo que se modificando, tem permanecido, assume-se, então, que ela tem evoluído, conforme as imposições das existências de cada momento.

Se a prática de culto e veneração permanece, isso acontece porque é relevante àqueles que a praticam. Sendo relevante para seus devotos, não basta que a criminalização da discriminação religiosa seja o mecanismo usual para sua proteção, mas que também, e sobretudo, a difusão do conhecimento, num contexto de alteridade, e de busca por entendimento das motivações e sentidos do outro, passe a criar elos de comunicação e

empatia recíproca. Ainda mais em nosso contexto nacional, com uma história intimamente ligada ao processo de catequização do território americano, bem como de colonização por nação católica, nossa herança cultural e religiosa católica permanece como expressiva.

Novas facções religiosas têm surgido a cada momento, a relevância do respeito pela diversidade cultural da religiosidade é essencial, inclusive para a existência e manutenção destes novos grupos. Saber o porquê de séculos atrás ocorrerem estes fenômenos religiosos por si instigaria e instiga esta pesquisa histórica, assim como sua permanência. Em relação ao culto dos santos, teve este uma origem plural. Seja a mudança de cosmovisão de facções judaicas, com o advento de Cristo (e a consequente sacralização de recortes do mundo físico), e mesmo práticas já verificadas em comunidades greco-romanas e antropologicamente viáveis, a importância deste culto tem que considerar o seu atual uso. É direito de qualquer cidadão brasileiro usufruir da liberdade religiosa, mas intimamente especial aos seus devotos. Não se trataria de crer ou não crer, mas de experienciar, subjetivamente, aspectos inatos à humanidade. O culto dos santos é a técnica de acessar o divino mediante a experiência da intercessão dos cristãos do pós-morte, privilegiados não mais por crer, mas por ver e acessar infinitamente o sagrado. De origem plural, teve e ainda mantém uma finalidade específica, que é aplacar a sensação de distanciamento entre o humano e o sagrado. O que então motiva a permanência da pessoa do santo, é sua capacidade de transmitir confiança aos fiéis, de que eles, os santos, através de seus acessos privilegiados à divindade, levarão os pedidos e necessidades dos devotos com o incenso de sua santidade diante do trono celestial, de onde as soluções para os problemas humanos serão feitas.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, G. et al. **Historia de los concilios Ecuménicos**. Salamanca: Giuseppe Alberigo, 1993.

ARMSTRONG, K. **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2013.

CANTÙ, C. **História Universal**. Vol. XVI. São Paulo: Edameris, 1970.

COSTA, B. A. **Santos e santidade**: o período medieval. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Vol. 12 (2012). Disponível em: < http://dx.doi.org/10.14195/1645-2259_12_19>. Acesso em: 10 nov. 2018.

JENKINS, P. **Guerras santas**: como 4 patriarcas, 3 rainhas e 2 imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos 1.500 anos. Rio de Janeiro: LeYA, 2013.

KAUFMANN, T. (org.); KOTTJE, R. (org.); MOELLER, B. (org.); WOLF, H. (org.). **História ecumênica da igreja 1**: dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KLAUK, H. J. **O entorno religioso do cristianismo primitivo**: religião civil e religião doméstica, culto dos mistérios, crença popular. São Paulo: Edições Loyola, 2011a. vols. 1 e 2.

LE GOFF, J. **Em busca do tempo sagrado**: Tiago de Varazze e a lenda dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MONDONI, D. **O cristianismo na Antiguidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PELLISTRANDI, S. M. **O Cristianismo Primitivo**. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978.

SILVA, A. C. L. F. da (org.); SILVA, L. R. da (org.). **Mártires, confessores e virgens: culto aos santos no Ocidente medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCHMITT, J. C. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: Edusc, 2007.